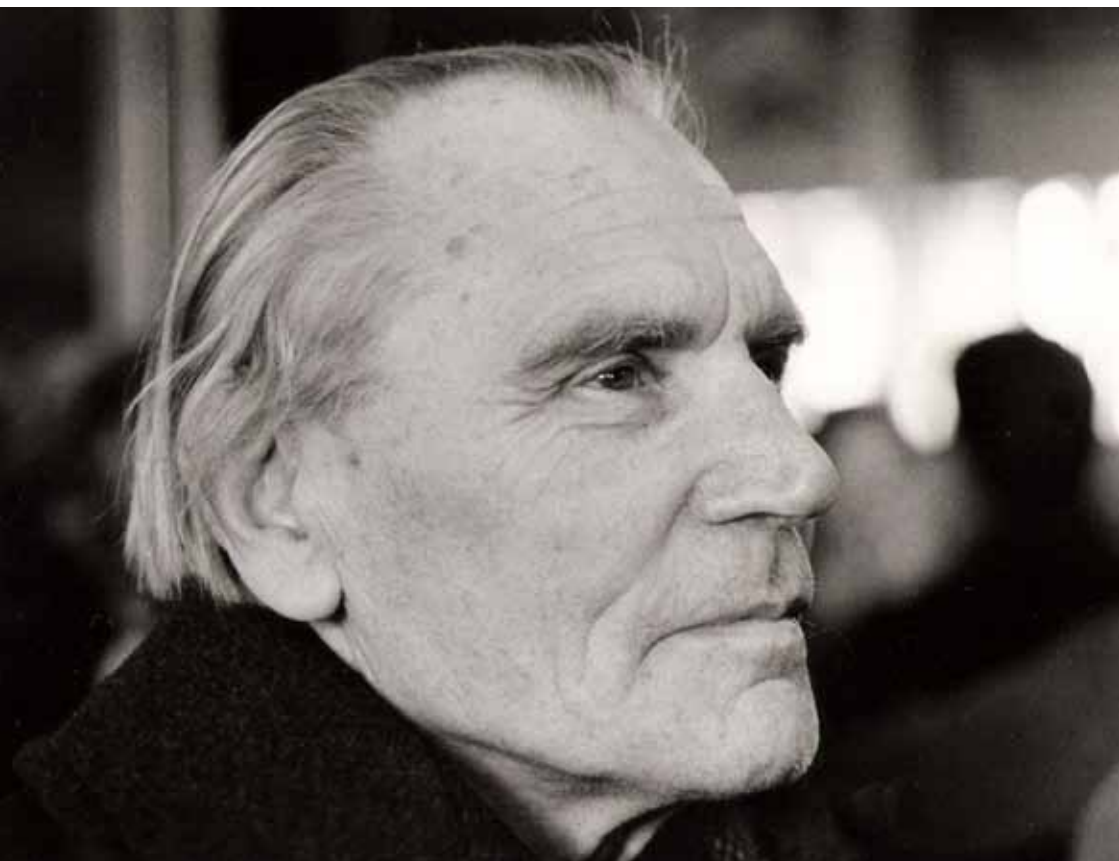


HEIN SEMKE

Escultor
1899-1995



COMISSÃO MUNICIPAL DE TOPONÍMIA
Março 2016



Vista aérea da cidade, cerâmica, 1960

Capa: Hein Semke na Brasileira, 1967 (Foto de Horácio Novais)

Contra-capá: Hein Semke, 1972 (Foto de Mário de Oliveira)

A Comissão Municipal de Toponímia, prosseguindo o seu trabalho de fusão de memórias individuais e coletivas em Lisboa, homenageia Hein Semke, personalidade marcante das Artes Plásticas portuguesas, autor de peças esculturais interventivas e grande impulsionador da cerâmica em Portugal, atribuindo o seu nome a uma artéria da cidade.

Lisboa, março de 2016

Catarina Vaz Pinto

Veredora da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa



1949, com *Auto-retrato* de 1937



HEIN SEMKE

1899-1995

“ (...) A Arte nada tem a ver com delicadezas - amabilidades - evitar chocar. Exige uma total ausência de compromissos. (...)”

Hein Semke, 1931 (1)

Hein Semke nasceu em Hamburgo, na Alemanha, a 25 de junho de 1899. Filho de Hinrich Semke e de Ernestine Zobel foi o sexto de oito irmãos. Aos onze anos, após a morte de sua mãe, foi internado num orfanato, de onde saiu pouco depois para aprender o ofício de comerciante.

O jovem viu na eclosão da Primeira Grande Guerra, a oportunidade de escapar à vida entediante que se lhe perspectivava. Alistou-se voluntariamente e foi destacado para a frente russa da Ucrânia, e de seguida para a Flandres. Desmobilizado com o final do conflito, ficou profundamente marcado com os horrores que presenciou:

“A guerra é um assassinato - é um crime - é um disparate - Porquê, mas porquê? Não há um Deus, que intervenha quando homens e material endoidecem? Não haverá outro meio de tratar entre os povos, a não ser a guerra?” Hein Semke, 1935. (2)

Semke regressou a Hamburgo e envolveu-se ativamente nos movimentos sindicalista e anarquista que procuravam mobilizar, para o socialismo, o operariado de uma Europa em crise económica e de valores. A sua participação na Revolta de Maio, em Hamburgo, e na

(1) Balté, 2009, pg. 16.

(2) Balté, 2009, pg. 45.

Revolução de Outubro (3), levou a que fosse detido e condenado a seis anos de prisão solitária. Amnistiado, com dificuldade em encontrar trabalho no seu país, rumou em 1929 pela primeira vez a Portugal, onde, por intermédio da comunidade evangélica alemã, se empregou como operário numa fábrica de malhas.

Um esgotamento físico e psíquico levou-o de regresso à Alemanha no ano seguinte. Foi hospitalizado, recuperou, mas os médicos declararam-no inválido para todo o tipo de trabalho. O facto foi determinante para a sua decisão de se dedicar às Artes. Em 1930 ingressou na Escola de Artes e Ofícios de Hamburgo, onde estudou escultura e cerâmica. Doente dos pulmões deslocou-se para o Sul, prosseguindo os estudos na Academia de Belas Artes de Estugarda.

Em 1932, devido à evolução política na Alemanha e a problemas de saúde, Hein Semke rumou definitivamente a Portugal, país de clima mais ameno, fixando residência em Linda-a-Pastora. Cedo a sua casa se tornou um polo de atividade cultural. Por ela passaram, nos anos 30 e 40, vários nomes ligados ao «modernismo português», como Almada Negreiros, Sarah Afonso, Mário Eloy, Abel Manta, Vieira da Silva e Árpád Szenes. (4)

O artista manteve um *atelier* na Avenida 24 de Julho, entre 1937 e 1941, que foi obrigado a abandonar devido às dificuldades económicas decorrentes da proibição de encomendas estatais a artistas estrangeiros, implementada no início da Segunda Grande Guerra. Em 1949 o escultor veio viver para Lisboa, para um quarto alugado, mudando-se em 1953 para a Praça António Sardinha, onde residiu e conservou um *atelier* por mais de vinte anos. Trabalhou regularmente na olaria de Benfca.

(3) Entre 1918 e 1923, houve uma série de tentativas fracassadas de grupos de esquerda de tomar o poder e promover uma revolução socialista na Alemanha.

(4) Almada Negreiros foi homenageado na toponímia da freguesia dos Olivais, por edital de 11/07/1970, Sarah Afonso em Belém, 20/04/1989, Mário Eloy no Lumiar, 30/10/1997, Abel Manta em Benfca, 16/11/1982, e Vieira da Silva na Estrela, s/d.



Trabalhando na *Camaradagem na Derrota*, 1934. Foto: Wolfgang Sievers

Nos primeiros quinze anos pôde dedicar-se à escultura, a sua forma de expressão maior. Influenciada pela guerra, a sua obra, imbuída de religiosidade, centrou-se no homem como responsável e vítima da sua própria ação mas também como figura redentora. Em 1933, no jornal *República*, Rui Santos escrevia:

“Semke é um escultor! Os seus trabalhos, onde sobressai o Artista, são do melhor e (pela liberdade de expressão) do mais actual que os Portugueses devem ter visto nesta terra. Semke é um primitivo que surgiu na nossa época (...).” (5)

O escultor participou em várias exposições coletivas, determinantes na renovação e evolução das artes plásticas nacionais. No ano da sua chegada a Portugal participou em Lisboa no Salão de Inverno da Sociedade Nacional de Belas Artes e, no ano seguinte, na Exposição Colectiva da Galeria UP, ao lado de Almada Negreiros, Sarah Afonso, Bernardo Marques (6) e Mário Eloy.

Em 1936, integrou a Exposição dos Artistas Modernos Independentes, realizada na Casa Quintão, em homenagem a Amadeo de Souza Cardoso, Santa Rita, Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa (7), que havia conhecido três anos antes por intermédio de Almada Negreiros. A Exposição do Mundo Português, em 1940, contou com quatro baixos-relevos da sua autoria. No início dos anos 50 participou na 1ª e na 2ª Bienal de São Paulo, Brasil. Em 1955, esteve presente no 1º Festival Internacional de Cerâmica de Cannes, em que a representação portuguesa obteve a medalha de ouro, sendo distinguido, a título individual, com um Diploma de Honra.

(5) Balté, 2009, pg. 18.

(6) Bernardo Marques foi homenageado na toponímia da freguesia de Santa Clara, por edital de 03/01/2001.

(7) Amadeo de Souza Cardoso foi homenageado na toponímia da freguesia de Alcântara, por edital de 29/02/1988, Mário de Sá-Carneiro em Alvalade, 11/07/1948 e Fernando Pessoa em Alvalade, 19/07/1948.



Sol, cerâmica, 1946

A polémica acompanhou o seu trabalho. Em 1935 o grupo escultórico *Kameradschaft des Untergangs* (*Camaradagem na Derrota*), de temática pacifista e anti-heroica, um dos que integrava o conjunto de três esculturas monumentais que realizara para o Pátio de Honra dos Mortos Alemães da Grande Guerra, na Igreja Evangélica Alemã de Lisboa, foi destruído por elementos nazis da colónia alemã. Os dois outros trabalhos foram retirados do local e depois repostos. A versão em bronze de um deles, a estátua *A Dor*, encontra-se desde 1983 nos jardins da Fundação Calouste Gulbenkian.



Sem título, monotipia, 1964

Entre 1941 e 1963 Hein Semke participou em mais de dezoito exposições individuais, em Lisboa e no Porto, e integrou mais de 37 coletivas. Foi presença regular nas Exposições de Arte Moderna do SPN/SNI (8), desde em 1936. Desta colaboração destacam-se a exposição de 200 peças escultóricas em cerâmica em 1947, a de 100 monotípias em 1966, e, no ano seguinte, a de uma série de grandes óleos sobre a problemática da Fé.

Semke foi, de igual modo, uma presença assídua nos espaços que renovaram a exibição da Arte Moderna em Portugal, como a Galeria Alvarez, no Porto, onde esteve em 1955 e 1957, a Galeria Diário de Notícias, em Lisboa, onde expôs em 1958, e a Fundação Calouste Gulbenkian, onde participou na 1ª, 2ª e 3ª Exposições de Artes Plásticas da fundação, respetivamente em 1957, 1961 e 1986.

A partir de década de 50 a cerâmica tornou-se predominante na sua produção, em virtude das dificuldades económicas que o impediam de dedicar-se à escultura. Hein Semke é considerado um dos grandes renovadores e impulsionadores da cerâmica portuguesa, sobre a qual afirmou:

“(…) a cerâmica é um campo aberto a novos rumos. (...) A cerâmica em Portugal tem sido explorada, apenas, industrialmente. É preciso que o seja, também, artisticamente, como sucede em todo o mundo» (9).

“Hein Semke trouxe para Portugal uma pioneira prática da Cerâmica como disciplina artística moderna, aplicando os códigos da escultura em peças cerâmicas logo em 1933, terracotas cobertas com esmaltes de grande qualidade, investindo sempre num registo expressionista de volumes simples e brutalistas e numa sinceridade de procedimentos técnicos, imediatos e gestuais, que ganham acerto na produção artística internacional ao longo da década de 50”. Paulo Henriques (10)

(9) Balté, 2009, pg. 95.

(10) Folheto Exposição “Hein Semke 1899-2005”, 2005.

Forçado a abandonar a cerâmica em 1963, devido a uma silicose, o artista procurou novas formas de linguagem plástica. O desenho, a aguarela, a monotipia, a xilogravura, a pintura e a colagem passaram a constituir as suas principais vias expressivas. Em 1958 realizou *Em cada Criatura Nasce uma Flor*, o primeiro dos seus 34 livros de artista. Em 1965 fez o seu primeiro livro *O Livro de Karin. O Livro da Árvore*, concluído em 1978, foi editado, em formato reduzido, pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1995 e, em 1997, objeto de uma exposição na Biblioteca Nacional.

“Estes livros-álbum, cuja dimensão ronda os 60 x 80 cm (...), pintam-nos em imagens a obsessão da fé, a alegria e a tristeza do amor, abordam a crítica política e a caricatura social, contam-nos histórias mágicas e memórias remotas da biografia do autor, reflectem sobre o valor e eficácia dos próprios meios formais da expressão plástica. Alguns comportam textos mais longos, outros prescindem por completo da palavra.” Joaquim Saial (11)

A relevância da sua obra no panorama das Artes Plásticas no nosso país, foi reconhecida em várias exposições retrospectivas. Em 1972, a Fundação Calouste Gulbenkian apresentou a mostra geral “Hein Semke - 40 anos de actividade em Portugal”. Sobre a mesma escreveu José Augusto França:

“Com peças de todo género, Hein Semke, filho livre de marinheiros do mar do Norte, homem de Deus e do Diabo carnal, ficou retratado em corpo inteiro nesta exposição - que foi um dos maiores acontecimentos artísticos de 1972 em Portugal.” (12)

(11) Semke, 1995.

(12) Balté, 2009, pg. 251.



Figura em Ação, cerâmica, 1962

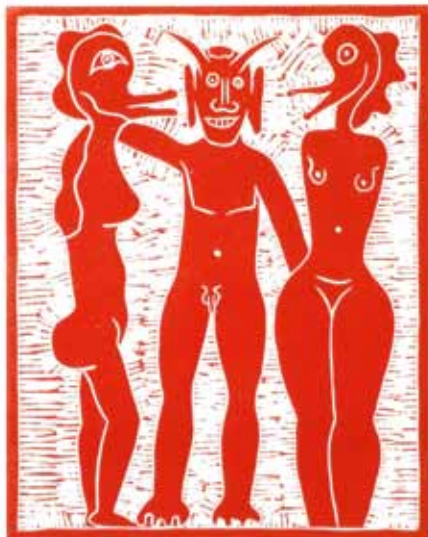
A revisão da sua obra cerâmica foi alvo de uma exposição no Museu Nacional do Azulejo, em 1991, e a da obra escultórica no Museu de José Malhoa, nas Caldas da Rainha, em 1997, dois anos após a sua morte.

Em 2005 teve lugar a exposição “Hein Semke - dez anos depois: 1995-2005”, que se dividiu por cinco instituições culturais da capital: Biblioteca Nacional, Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, Museu do Chiado-MNAC, Museu Nacional do Azulejo e CAMJAP da

Fundação Calouste Gulbenkian, e incidiu sobre cinco vertentes diferentes do seu trabalho.

A obra do escultor está representada no Museu do Chiado-MNAC, na Fundação Calouste Gulbenkian, no Museu Nacional Soares dos Reis, no Museu de José Malhoa, entre outras coleções institucionais, podendo ainda ver-se na Capela de Sto. António do Lumiar, na Igreja Evangélica Alemã de Lisboa, no Hotel Ritz, na Casa-Museu João Soares, na Reitoria da Universidade de Lisboa, entre outros locais.

Hein Semke foi agraciado com o Grau de Comendador da Ordem do Infante Dom Henrique pelo Presidente da República, Dr. Mário Soares, em 1990. O seu trabalho foi reconhecido no seu país natal com a concessão, em 1964, de uma Pensão de Honra atribuída a artistas com atividade cultural meritória e, em 1978, com o agraciamento do Oficialato da Ordem de Mérito da República Federal da Alemanha. Hein Semke morreu em Lisboa, no dia 5 de agosto de 1995.



1973-Mitologia Satírica II, xilogravura (75,9x56 cm)



1973-Mitologia Satírica VI, xilogravura (75,3x56 cm)



Página do *Livro da Árvore*, aguarela, 1978

No seguimento da tradição enraizada de homenagear artistas das Artes Plásticas na toponímia dos seus arruamentos, a Câmara Municipal de Lisboa, por edital de 3 de janeiro de 2011, prestou homenagem a Hein Semke, escultor interventivo e ceramista inovador, atribuindo o seu nome a um arruamento na Urbanização do Alto do Lumiar, freguesia de Santa Clara, onde Hein Semke partilha a toponímia com outros artistas como os escultores António Duarte e Barata Feyo, a pintora Maluda, os pintores António Dacosta e Bernardo Marques e o ator e pintor José Viana.



BIBLIOGRAFIA

- Balté, Teresa (ed.), Hein Semke. *A coragem de ser Rosto*, INCM, Lisboa, 2009
- Saial, Joaquim, “Hein Semke. A longa Jornada”, em Semke, Hein, *O Livro da Árvore* ACARTE-FCG, Lisboa, 1995
- Exposição Galeria Marquês de Tomar, catálogo, Lisboa, 1995
- Exposição Museu de José Malhoa, catálogo, Caldas da Rainha, 1997
- Exposição “Hein Semke 1899-2005”, folheto desdobrável, Lisboa, 2005

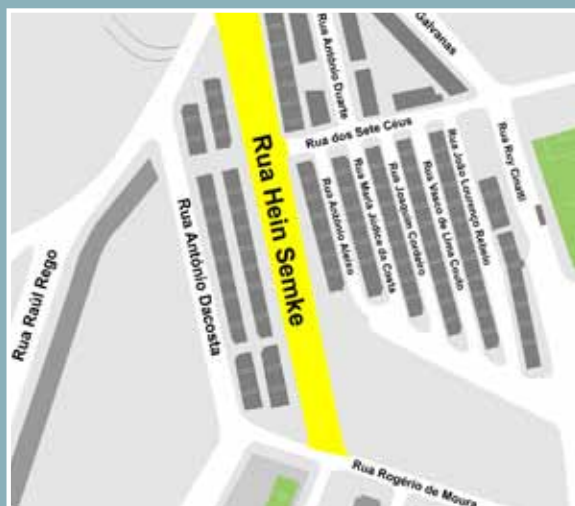


FICHA TÉCNICA

Edição | Câmara Municipal de Lisboa
Presidente | **Fernando Medina**
Pelouro da Cultura | **Catarina Vaz Pinto**
Direção Municipal de Cultura | **Manuel Veiga**
Departamento do Património Cultural | **Jorge Ramos de Carvalho**

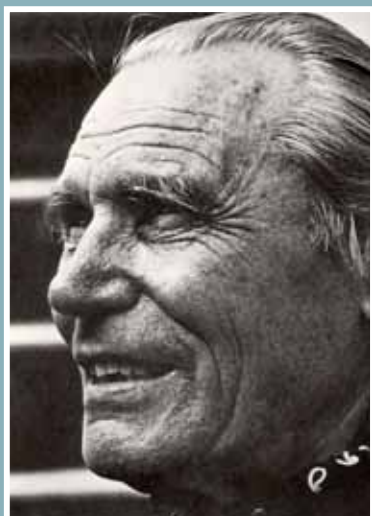
Título | **Hein Semke**
Textos | **António Adriano**
Design | **Ernesto Matos**
Tiragem | 250
Ano | 2016
Depósito Legal | 397356/15
Execução gráfica | **Imprensa Municipal de Lisboa**

RUA HEIN SEMKE



Início (norte)
38.786200-9.150058

Final (sul)
38.783532-9.149297



COMISSÃO
MUNICIPAL
DE TOPONÍMIA